

Introdução à Dialética¹

Antonio Wolf

1 Original publicado por Antonio Wolf em <https://empyreantrail.wordpress.com/2016/09/12/dialectics-an-introduction/>, 12 de Setembro de 2016 (acessado Novembro 2021). Traduzido por V. S. Conttren, Novembro 2021. DOI: 10.17605/OSF.IO/7CB3D.

Hegel é um filósofo conhecido por sua dificuldade e profundidade especulativa, entretanto, encontrar um ponto de entrada para a possibilidade de aprender seu sistema é, em si, um esforço demasiado, já que o aspecto fundamental de seu sistema, o método, é obscuro. Espero que este artigo realize o objetivo de clarificar a dialética, de um modo que poucos artigos puderam fazer. Alguns autores escreveram sobre tal tópico com clareza. No entanto, eles não são nem conhecidos pelo discurso popular, e seus trabalhos não são, também, os primeiros resultados de pesquisas eletrônicas. Deste modo, coloco como minha tarefa como uma exposição condensada da dialética aos outros, na esperança de poupá-los do que não deveria ser um árduo caminho até uma simples porta. Crédito, primeiramente, deve ser dado ao próprio Hegel, que apesar de todas as afirmações contrárias, não é misterioso ou reservado sobre seu “método”.

O assim chamado “método”

Verdadeiramente, não há dialética enquanto método, no sentido que as pessoas entendem a palavra comumente. Crítica imanente (interna) é crítica imanente e, enquanto Marx e Hegel se engajam nesta atividade, não se nota qualquer diferença; não há método dialético “idealista” ou “materialista”. Claro, não se pode afirmar que não há uma diferença fundamental entre Marxistas e Hegelianos, mas esta certamente não se refere à dialética; não se Marx faz uso de tal método como assim Hegel o faz. Esta questão será retomada mais tarde, por hora foquemos na questão da dialética.

O que, por muitas vezes, é chamado de “método dialético”, repito, é um método que não existe nem em Marx ou em Hegel, de mesmo modo como o também mistificado método científico de hipótese-experimento-conclusão

não existe para a ciência, em geral. Não há uma fórmula para esta “lógica”—nenhum conjunto de regras a serem constantemente aplicadas. Não há, também, **{tese-antítese}-síntese**, nem **{abstrato-negativo}-concreto**. O que há de errado nestas fórmulas não é que elas estejam simplesmente erradas, mas que servem para confundir o assunto para aqueles que ainda não conhecem a lógica da crítica imanente. Como descrição do processo, o primeiro é passível de compreensão, e o segundo se faz correto, em certa medida, já que descreve uma relação padrão entre os resultados produzidos. *O problema, no entanto, é que as pessoas geralmente não entendem que estas são meras descrições e não o processo em si.* Confundem um resultado processado com o processo que cria tais resultados e, ao pensar a dialética a partir disto, equivocam-se em compreender a forma como o método em si.

Em certo sentido, pode-se observar a dialética Socrática/Platônica e seu processo de atentar à verdade através de uma minuciosa e multifacetada investigação de um conceito, pela interrogação mútua entre interlocutores demandando justificativas às afirmações, baseando-se em uma razão universal como forma do método dialético aparentado ao de Hegel. Nesta dialética, uma afirmação de conhecimento é colocada através de uma luva de impiedosa interrogação pela razão proveniente de todos os pontos de vista possíveis, de modo que a clarificação por si mesma possa chegar a uma concordância à verdade universal contida nas nebulosas sombras do pensamento regular. Nos diálogos de Platão, os conceitos de maior interesse são os da verdade em si mesma, justiça, o Bom, a beleza, etc. Como nestes diálogos, a dialética de Hegel envolve múltiplas perspectivas, uma demanda por coerência, uma unidade construtiva de verdades e, finalmente, uma demanda por razões finais definitivas (explicação absoluta).

No seu íntimo, o método de Hegel aparece verdadeiramente como método nenhum e nunca pode aparecer como tal. Deve-se meramente engajar a *Ciência da Lógica* ou a *Fenomenologia do Espírito* apenas com uma consideração para ver esta verdade: pensar só com o que é dado no objeto a ser pensado. O método é o nosso pensamento posto nesta camisa de força absoluta, constringido a pensar apenas o que está disponível em seu conteúdo. Este raciocínio pensa *através, com e sobre* o que é pensado no objeto apenas com o que é encontrado no próprio objeto. Pensa tudo o que pode ser pensado com seu conteúdo dado, e somente através do que lá está explícita e implicitamente pode seguir. Visto que o objeto é o que está em questão, e é o único ponto de vista que podemos tomar para considerá-lo, nosso pensamento é forçado a pensar esse objeto a partir de dentro. *Entretanto*, na medida em que somos capazes de perceber estruturas e movimentos implícitos sobre os quais o objeto em si não é explícito, devemos fazer uso do que está implícito como uma forma de progredir. Ao fazê-lo, não quebramos nossa exigência de pensar apenas com o que está disponível, mas simplesmente chamamos o que já existe como mais um movimento possível e válido de pensar. O método de Hegel exige que pensemos o tudo possível com nosso conteúdo.

Crítica Imanente

A respeito do que podemos propriamente denominar de dialético em Hegel, comecemos por denominar o método dialético como uma *crítica imanente (interna)*, porém, não se deve confundir isto com o método empregado inteiramente por Hegel. A crítica imanente nada mais é que a análise crítica de conceitos e objetos a partir de seu interior. Este tipo de

análise não utiliza recursos conceptuais alheios ao seu conceito/objeto para criticá-lo; não pressupõe uma forma à qual deva conformar-se. Por isto, deve entender-se que o pensamento de cada um segue basicamente a linha de pensamento estabelecida pelo conceito, as relações já dentro dele, e aquelas que traz à tona de si e suas relações. O conteúdo a ser investigado conduz a própria investigação, e a crítica imanente tem apenas uma tarefa: ver a partir da ótica de tal conteúdo. Nenhuma consideração ou crítica exterior pode ser admitida neste tribunal da razão, e o réu é a testemunha absoluta que deve dar apenas um relato: o de si mesmo.

Pode dizer-se que esta análise suscita uma só questão: *o que está perante nós é absoluto?* Em termos simplificados, aquilo a que se destina por tal análise pode ser considerado três coisas: testar a coerência, a estabilidade, e verificar a reivindicação de independência lógica/material, ou seja, testar a exigência de ser um absoluto coerente. A crítica imanente, no entanto, apenas revela o sucesso ou fracasso de atender a essas demandas. Não fornece nem pode fornecer para o avanço além do momento de fracasso revelado em uma dialética—isto é, não pode contabilizar o progresso desenvolvido por Hegel.

Para além da crítica imanente dos conceitos—o momento dialético²—está o pensamento especulativo que transforma o próprio pensamento dialético num objeto de investigação. A **especulação** faz o giro além da dialética, possibilita a sua *superação* (o cancelamento/suspensão/preservação da contradição) e é o avanço para um novo conceito, com o qual se inicia outra dialética. O método de Hegel avança assim através da crítica imanente e da especulação como momentos necessários.

2 Por “momento” nada de especial ou esotérico se entende. Momentos, para Hegel, são meramente posições que nós conceitualmente habitamos por só um momento, após o qual nos obrigamos pelo pensamento a seguir em frente.

Na medida em que Marx e Hegel se engajam em tal atividade, não existe diferença—não há nenhum método dialético 'idealista' ou 'materialista'. O que não significa dizer que não há nenhuma diferença fundamental entre Marxistas e Hegelianos, mas que essa diferença certamente não é dialética—nem se Marx utiliza esse método tal como Hegel assim o faz. Marx diretamente nega usar a 'dialética mistificada de Hegel', mas isto é desconfiável devido à própria teoria do Capital ser sistematicamente estruturada justo como o próprio método de Hegel exigiria, excetuando algumas injeções externas feitas por Marx devido a outros compromissos teóricos (a teoria do valor-trabalho sendo um deles). Não me alongarei mais na comparação entre os métodos de Marx e Hegel; por ora, o foco estará na dialética como tal.

Dialética

Que não haja método dialético enquanto uma fórmula não significa negar a existência da dialética. O plural da dialética é 'dialéticas'. Isso pode parecer um ponto estranho ou pedante, mas parece que muitos não entendem isso; a maioria das pessoas fala da dialética e não distingue o método, em sua totalidade, do mero momento da dialética.³ Esta confusão equivocada expande o termo de dialética excessivamente, e é esta expansão ao nível de todo o método e sistema de Hegel que o faz tornar-se tão geral a ponto de ser desprovido de sentido. Por causa desta confusão, 'dialética', doravante, diz

3 Agora, a respeito '*da dialética*', o que muitas vezes é entendido por isto não é realmente incorreto se o entendemos no sentido dialético Platônico; porém, isto é quase universalmente confundido com dialética no sentido muito específico de contradição que têm como momento em Hegel.

respeito especificamente ao significado técnico de oposição interna contraditória. Frequentemente se repete que a dialética conduz o método, e isto é verdadeiro em um sentido muito específico,⁴ mas o método de Hegel não pressupõe a dialética como seu motor ou sua totalidade. O método descobre a dialética no conteúdo que investiga; assim, a dialética é um resultado propriamente dito. É, portanto, preferível ser introduzido ao método através da abstração do momento dialético. Contudo, há uma questão importante a ser levantada primeiro, pois, diz respeito à compreensão da dialética—a contradição.

Sobre a contradição

A contradição pela qual a dialética lida com é costumeiramente tratada por muitos filósofos como sendo a contradição referida pela lógica formal como a lei de não-contradição: *A* não pode ser *A* e *não-A* ao mesmo tempo; ou, *A* não pode ser verdadeiro e falso simultaneamente; ou, no caso do que [Paul Redding](#) denomina “o conceito Aristotélico de contradição de termo lógico”: *A* não pode instanciar uma propriedade/atributo e seu oposto⁵ ao

4 Isso se vincula à famosa afirmação de que a contradição é o gerador da mudança/movimento por Marxistas, mas isso é verdade somente porque uma contradição hegeliana é um conceito que já é concebido como movimento. Tomemos o exemplo da *mercadoria*, onde o próprio *ser* de uma mercadoria é sua relação e movimento de troca com outra mercadoria. O engajamento do movimento advém, neste caso, do próprio conceito da mercadoria como um objeto desprovido de valor de uso, exceto de troca; logo, sua concepção e realidade estão apenas no movimento de troca, o que atesta que, ao ser útil aos demais, coisas são úteis a mim.

5 *Oposto* se usa, aqui, no sentido de “contrapor” e não o típico significado de uma incompatibilidade essencial de termos ou coisas.

mesmo tempo. Hegel não nega qualquer uma destas leis, e sua afirmação contraditória não as quebra, confundindo o leitor que assume que Hegel simplesmente as ignora.

A noção comum de *contradição* toma uma oposição absoluta em termos contraditórios. Estes são incompatíveis e impassíveis de serem plausíveis nos momentos de afirmação, pensamento, ou ser. Neste tipo de pensamento, coisas devem ser uma ou a outra, não ambas ou nenhuma—ou o objeto é ou não é; é este ou é o outro. As contradições de Hegel são, se é possível dizer tanto, *contradições racionais* que não são bobagens ou paradoxais, no sentido em que uma contradição bruta apenas declara ambas como verdadeiras sem explanação. Sim, oposição é gerada, mas assim é como desenvolvimento necessário e oposição totalmente racional que é tomada para constituir um todo unitário ao invés de uma posição determinante de um sobre o outro. Os opostos são de fato separados e diferentes, ainda que unidos e idênticos a um todo absoluto. Hegel pode escapar com isto porque suas oposições não são tomadas como absolutas e separadas uma da outra, sendo o desenvolvimento lógico a prova necessária para conhecer o caso.

Hegel considera estas contradições lógicas como variados pontos de vista da mesma coisa—o Absoluto. Pois, verdadeiramente, não são posições absolutamente incompatíveis entre si.⁶ *Ser* e *Nada*, eis, estão separados, são diferentes; contudo, ambos são aspectos (momentos) do entendimento do Absoluto, do qual são também o mesmo, unidos enquanto este absoluto. Porém, não é aqui que o logicista comum encontra um problema—isto não é

6 *Posição* é um termo bastante revelador na relação de oposição. Para serem posicionadas uma contra outra, as coisas devem estar fundamentadas numa mesma relação. O absoluto na relação é tratado como o 'chão' do outro; contudo, na contradição dialética, este 'chão' é encontrado igualmente reivindicado por ambas as posições. Contradição é esta reivindicação de absolutez, porém é resolvida observando outro termo ou fator, o 'chão', do qual as duas reivindicações surgem naturalmente.

um problema contraditório como “*Ser é Nada*”. Como isto faz sentido? “*Ser é Nada*” ao passo que caí no Nada meramente sendo si mesmo. Isto parece contraditório quando procuramos entender qual é mais fundamental, já que um parece ser o fundamento do outro—o conteúdo ou a forma de habilitação de ambos. Os dois são uma unidade inseparável de seu oposto, enquanto unidade absoluta; esta unidade não colapsa sua diferença, mas, ao contrário, *necessita-a*. Propriamente, esta diferença, entretanto, tem por si uma estrutura espelhada reflexiva peculiar, na qual os lados opostos podem se ver inversamente, dependendo qual é investigado: o *Nada* visto de seu lado, parece o *Ser* tanto quanto si mesmo; já o *Ser*, de seu próprio lado, parece o *Nada* da mesma maneira. A razão para tanto é o fato de serem uma unidade como um conceito absoluto, ou seja, *Ser é si mesmo e seu oposto* quando assim inquirimos. “*Ser é Nada*”, contudo, não é um conceito do qual pensamos imediatamente; é uma reflexão sobre os conceitos. Para podermos assim dizê-lo, tivemos que tomar a posição de cada conceito para assim vê-los, e só poderíamos assim ter feito ao habitá-los por um momento, no qual eles são considerados unicamente. Neste sentido, a lei da não-contradição mantém-se verdadeira: não podemos *pensar* ambos conceitos em um momento singular.

A contradição hegeliana existe na medida em que existam posições imanentes múltiplas e opostas, das quais coisas podem ser observadas e compreendidas. Quando pensamos em *A*, sim, realmente pensamos apenas de *A*; o que se passa que toda a verdade de *A* também é o que *A* não é, seu não-ser—seu oposto—e isto, também, deve ser observado e compreendido como sendo parte da totalidade de *A* e da verdade absoluta final. *Ser* e *Nada* são partes, ou aspectos, do Absoluto da realidade, mas certamente são momentos diferentes e reais deste absoluto. Uma maçã é uma maçã e não

pode ser outra coisa a partir deste momento ou ponto de vista; no entanto, também *não é* um todo abstrato indiferenciado, nem uma única de suas partes enquanto todo e, além disso, cada parte não é nenhuma das outras partes tampouco—da perspectiva de cada parte, estas são *Ser*, enquanto as outras são *seu não-ser*, Nadas.

O momento dialético

Com as contradições, enquanto momentos do absoluto, podemos retomar a reflexão sobre o momento dialético.

Por dialética, deve-se entender que isto deve significar sempre uma *relação de contradição interna*, e *apenas* contradição interna; a dialética não se refere a contradições, em geral, mas apenas a essas contradições internas necessárias. Para clarificação, digamos que a dialética é uma abreviação de uma relação dialética. **Pensar dialeticamente é pensar em e através de contradições internas de conceitos.** Esse aspecto da dialética em relação ao **pensamento** deve ser enfatizado, pois, como já vimos anteriormente na comparação com a dialética platônica, há uma espécie de discurso movente entre os conceitos captados em sua relação imanente. A dialética hegeliana não é uma dialética meramente por ser observada em sua imanente contradição, mas é uma dialética também no sentido platônico, pois, é um discurso interno em movimento e que desenvolve conceitos; tanto que não podem deixar de se tornar seu oposto, e este oposto se converter neles e vice-versa. Esta dialética ativa e movente é melhor visualizada do que descrita, e isso deverá ser feito nos exemplos que se seguem neste artigo. Por hora, continuarei a usar o termo *conceito* (nada de especial se entende por ele aqui) exclusivamente como objeto da dialética, porque até mesmo os

objetos e atividades materiais são inteligíveis apenas como conceitos que pensamos para compreendermos o mundo. Na medida em que qualquer coisa é inteligível e, como tal, é conceptual—e é apenas o seu conceito que podemos elaborar em estruturas universais de pensamento.

Ofereço aqui uma definição estática do *momento* de contradição interna no método de Hegel, que pode ser denominado *dialético*. Devo enfatizar que este é somente um momento, porque, como já mencionado, a dialética inclui o movimento destas ideias contraditórias. Pretendo primeiramente ocupar-me da aparência estática de uma dialética antes de expor seus movimentos.

Relações dialéticas: tais relações são da ordem de conceitos contraditórios que, em seu conteúdo, estrutura, significado ou existência, necessariamente pressupõem, geram ou exigem o seu contrário. Possuir um é possuir o outro. Raciocinar através de um conduz a pensar do outro. Mudar um é mudar o outro. A célebre dialética da 'unidade dos opostos' assim é descrita por muitos Marxistas. Tais relações 'materialistas' são: {trabalhador—capitalista}; {[valor de uso]—[valor de troca]}; {matéria—ideal}; {carga positiva—carga negativa}, etc.⁷

O trabalhador e seu patrão não têm significado ou existência um sem o outro—necessariamente se desenvolvem mutuamente no pensar de seu conceito—e se houver um, sabe-se que há o outro; caso falte um, perde-se também o outro. A distinção entre valor de uso e valor de troca é a oposição entre “útil para mim” e “útil para outra pessoa”, isto é, aquilo que é *usado por mim* não pode ser usado por outra pessoa e vice-versa; assim, eles aparentemente são excludentes entre si. A mercadoria, no entanto, prova

7 Lembremo-nos aqui de que estes termos opostos não são dissociáveis uns dos outros. De fato, é isto que torna possível que um termo que cesse de se relacionar ou que suplante o outro signifique a destruição de ambos; eles existem essencialmente apenas como o oposto de seu oposto.

que as coisas podem ser úteis para mim ao ser útil para os outros. Esta distinção em uma mercadoria também revela a realidade *essencialmente* social da própria concepção do que é útil para mim como alguém que necessariamente implica uma oposição à utilidade para outros seres sociais. Em relações deste tipo, o conteúdo é primordial: uma mudança em um conteúdo é uma mudança noutro—por exemplo, uma mudança de um termo deve mudar toda uma dinâmica de relações e termos, ou que uma mudança nas relações necessariamente muda o que está relacionado. Na dialética, forma e conteúdo são inseparáveis, e esta é uma das razões pelas quais não é possível simplesmente aplicar uma fórmula como resolução.

Esta relação de contradição interna, em um sentido estrito, é tudo que uma dialética pode ser *enquanto meramente um momento do método de Hegel*. O método de Hegel é *mais* que simplesmente a dialética surgente, embora sejam importantes como seus momentos. Enquanto, do ponto de vista de dialética só, nós não começamos em qualquer lugar diferente de uma confusão de ter gerado duas posições contraditórias que parecem estar competindo por estado exclusivamente absoluto—enquanto permanecermos dentro do conteúdo dialético. O método de Hegel vai além e transcende esta aparente contradição incompatível. No método, o movimento para uma nova dialética é feito através do passo *especulativo* que fornece o começo de uma nova dialética. Deste modo, uma dialética torna-se necessariamente uma pluralidade ou uma série de relações dialéticas que não se seguem simplesmente uma após a outra, mas também são construídas umas sobre as outras, na medida em que são meramente um escavar no que está ali presente.

O movimento lógico (pensar), que gera uma dialética, vê sua unidade como sendo ela mesma e gera outra dialética—aparece à nossa experiência

consciente como uma análise interna destes conceitos, o desenvolvimento de um a partir do outro e vice-versa, e *este movimento entre conceitos* como conceito em si. É o que impulsiona o pensamento adiante, na medida em que a análise gera mais conceitos para continuar. Esse movimento de conceitos, no entanto, não é *apenas o nosso* movimento subjetivo no pensamento, tal como imaginamos em uma mera definição arbitrária, mas é o movimento de uma *estrutura conceitual* objetiva em si; não é nossa mera fantasia subjetiva—o que se tornará aparente nos exemplos. Porque o pensamento se desloca da dialética para a dialética, da contradição para a contradição? Para simplificá-lo um pouco: *porque na medida em que estamos **pensando** neles, não podemos deixar de pensar até que estejam totalmente racionalizados, isto é, até que tenhamos finalmente alcançado uma explicação absoluta—até que não haja mais nada para pensar, ou melhor, nada mais a questionar.*

Na esfera do pensamento, o confronto de contradições impele o pensamento a mover-se por sua própria vontade pelo poder da razão, em busca de uma resolução para a contradição. Isto não é nada estranho para nós; é aquilo que já fazemos no raciocínio. Os problemas surgem, assim buscamos explicações e, na explicação, encontramos o fundamento do problema assim como uma solução. Deve-se notar que nem sempre a contradição é imediatamente aparente; como mencionado acima, as contradições são primeiro geradas sem que elas sejam assumidas. O pensamento continua se movendo enquanto o impulso da razão, para encontrar as razões últimas para fundamentar as coisas, pensa um conceito, que de dentro aponta para uma razão além do seu próprio imediatismo. É por isso que a contradição gera movimento: as coisas constituídas por uma contradição—pelo seu próprio conteúdo/natureza/ser—apontam e se conectam a algo além delas.

Especulação/Reminiscência

Depois da dialética vem a **especulação**. O discurso da dialética tende a corresponder a um modo de pensar, que no Idealismo Alemão possui um nome técnico próprio: **entendimento**—o pensamento que analisa e separa. A dialética, porém, também tem um elemento de razão, na medida em que há uma unificação pela constatação de um necessário vínculo de dependência entre momentos opostos de uma dialética dividida. É com esse modo de pensar que a crítica imanente é levada ao seu limite último de *autocontradição* dialética, apenas pelo que originalmente aparenta ser uma simples análise que determina a especificidade de um conceito em sua suposta independência. Não só encontramos afirmações opostas racionalmente viáveis como absolutos da razão, tal qual o Ser é tao absoluto quanto o Nada e que ambos sejam igualmente um malogro, mas também encontramos uma identidade mutável que desconcerta o entendimento—o que *as coisas realmente são* se encontra fora de si mesmas. Nesta aparente autodestruição da razão, encontramos um “raciocínio negativo” no coração do momento dialético—um raciocínio que parece destruir a própria possibilidade de qualquer verdade absoluta.

Enquanto uma contradição normal seria a dupla reivindicação que Ser ou Nada são absolutos, a dialética móvel de Hegel acrescenta outra camada: Ser é Nada, e Nada é Ser. O que deve ser absolutamente oposto não pode permanecer idêntico a si mesmo em investigação racional. Não só são contradições externas de dialética do Hegel, mas eles são também autocontradições internas. Neste cair de um dentro do outro, nós nos achamos colapsando distinções absolutas e dizendo coisas aparentemente irracionais: *o que é em si, é o contrário de si mesmo; por exemplo, Ser é Nada.*

Com este impasse, a compreensão não pode ir adiante, pois, está presa na perplexidade sobre o que a razão necessariamente gerou.

Em contraposição ao raciocínio analítico da compreensão, suas tentativas de fazer distinções absolutas, e contra a perplexidade do seu raciocínio negativo, a especulação é um giro sobre o processo e produto da compreensão—a dialética como um todo—que toma como objeto o *pensamento* da própria dialética. Por exemplo, no paradoxo do Ser e da suposta diferença do Nada e da identidade entre conteúdo/forma, encontramos que o impasse dessa dialética é superado pelo movimento que ocorre na relação desses pensamentos um com o outro. Ao reconhecer esse movimento total como um pensamento em si mesmo, *Devir*, e retornar ao entendimento para diferenciá-lo através da análise, progride-se sem recursos externos.

Pode-se considerar dois “modos” ou momentos nos quais, pode-se dizer, a reflexão sobre o método de Hegel funciona: *imersivo* (*entendimento*) e *reminiscência* (*especulativo*). No modo imersivo de pensar, engaja-se diretamente com o conteúdo e a forma imediata do que se está pensando. Por exemplo, ao se pensar o *Ser* alguém é levado a pensar o *Nada*, e ao se pensar o *Nada* se é levado a pensar o *Ser*. Neste modo imerso, no entanto, ficamos presos eternamente saltando de um pensamento para o outro e voltando infinitamente. No modo de pensar coletivo, dá-se um passo atrás do modo imerso e pensa-se no que foi pensado antes—examina-se toda a estrutura do processo na totalidade. Aqui, duas considerações são possíveis, dependendo do modo de pensar a que nos agarramos no final: o entendimento e sua lei de não-contradição ou especulação e a aceitação desta contradição. Quando a reflexão normal se detém e considera a autocontradição da dialética, fica perplexa pela violação da lei fundamental

da razão do entendimento, a lei da não-contradição. A especulação, entretanto, contempla a dialética e aceita os produtos do pensamento necessário como um movimento absoluto que forma a unidade destes pensamentos. É a partir deste modo de pensar que a suprassunção se realiza, enquanto unidade de elementos opostos. Afastando-nos do *Ser* e do *Nada*, vemos em seu sistema total de movimento o momento do desaparecimento que se chama *Devir*, e a compreensão retorna para analisar o *Devir* em suas partes: o *Vir-a-ser* e o *Deixar-de-ser*.

Um erro comum: dialética e desenvolvimento

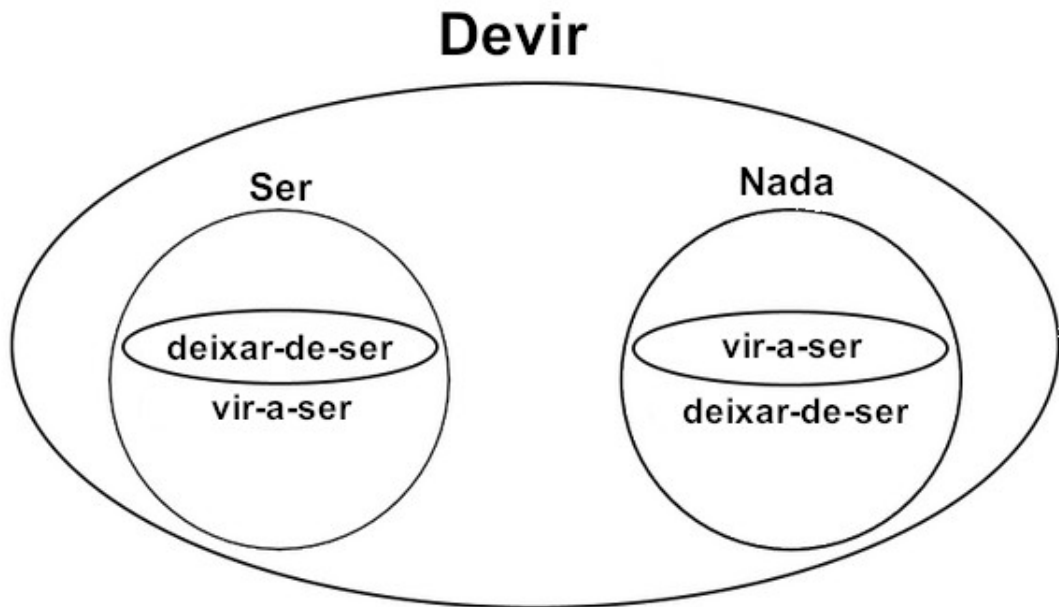
Frequentemente, aqueles que tentam compreender a dialética e os que tentam “utilizar” o assim chamado método, veem-se acometidos por um problema: a incapacidade de compreender a diferença entre dialética enquanto contradição e dialética enquanto desenvolvimento. O primeiro é o momento do aparente colapso do sentido em autocontradição; o segundo, é o impulso inerente do método para a construção sistemática, manifestando-se nos conceitos “orgânicos” que demonstram uma unidade de desenvolvimento. As pessoas não apenas não entendem a *necessidade lógica* do método, como também não entendem ao que as relações orgânicas do desenvolvimento realmente pertencem, dada uma incapacidade de conceber a necessidade. Já cobrimos significativamente a dialética como contradição interna, portanto, aqui trataremos de expandir sobre a dialética do desenvolvimento.

Dialética do desenvolvimento

A **dialética do desenvolvimento** pode ser comparada à dialética de Platão, como diálogo construtivo onde os participantes colocam adiante diferentes considerações sobre um problema ou concepção, cada lado fazendo a crítica da lógica alheia. Quando estes lados apresentam tanto uma verdade positiva como um fracasso, uma nova concepção—que pode agregar a si a verdade positiva de ambos—pode surgir como produto positivo do que poderia ter sido uma conclusão negativa de *aporia*, com ambos lados demonstrando medidas de verdades e falsidades. A dialética do desenvolvimento de Hegel, contudo, move-se através de concepções sistemáticas *necessárias* que se desenvolvem a partir da autoexpansão de seus conteúdos internos em seu ser articulado. Não é simplesmente uma unidade sintética, mas sim uma unidade orgânica que se gera como uma totalidade em todas as suas partes: cada parte se mostra como peça do sistema ao qual necessariamente pertence.

Tanto mais fácil quando se observa adentro conceitos puramente lógicos, como o *Devir*, onde a diferença imanente é necessariamente desembaraçada em *Vir-a-ser* e *Deixar-de-ser*, e dentro de cada um destes momentos nós necessariamente desembaraçamos o *Ser* e o *Nada*, como momentos próprios. Porém, nesta simples desconstrução analítica do *Devir* perdemos a importância da necessidade do *Devir* na sua constrangida totalidade, decorrente destas peças desconstruídas. Hegel demonstra na lógica como o *Ser* gera o *nada*, o *Nada* gera o *Ser*, e como o *Devir* é gerado pela sua unidade. Deste modo o conceito de *Devir* aparece como algo semelhante ao diagrama seguinte, uma construção tríade na qual ambos os momentos individuais geram uns aos outros, e seus movimentos mútuos

geram o *Devir*, de modo que *Devir* não é senão a unidade do sistema do *Ser* e *Nada* em movimento:



De modo a provermos um exemplo de maior concretude, tome-se o conceito de ser vivo como uma laranja. Laranjas são frutas *produzidas* por uma laranjeira. Sua produção requer a polinização de suas flores devido à diferenciação sexual, que requer a unidade dos gametas femininos e masculinos. Este processo de reprodução ocorre apenas a um nível de maturidade atingido pela planta após um processo de crescimento onde o desenvolvimento biológico subsume materiais inertes—como os minerais térreos, a água, e a luz solar—em suas partes estruturais e vivas. Isto é possível apenas dada a existência de uma capacidade à vida existente como a semente que engaja seu processo de vida com a realização de seus

condições necessárias. Este processo de vida *essencial* é inteiramente contido como uma potencialidade no plano genérico do organismo. Esta semente, contudo, é em si o produto do fruto. Esta semente não aparece no nosso mundo, advinda de uma existência extramundana; não surge totalmente formada do mero solo; não se ergue em mágica produção de outra espécie de planta alheia. A laranja *enquanto laranja* é algo produzido por sua espécie, independente de suas variadas variedades. Esta *autocriação* e perpetuação completas das laranjas como um ciclo de espécie vida é o **Conceito** da laranja enquanto tal, é sua essencial verdade e ser.

Note algo: em lugar algum é mencionado *contradições*. Não por causa de sua não existência, mas, porque o mero conceito de contradição dialética, neste nível de concepção, não prove qualquer sentido ao ser discutido. Hegel diz o seguinte:

Com a mesma rigidez com que a opinião comum se prende à oposição entre o verdadeiro e o falso, costuma também cobrar, ante um sistema filosófico dado, uma atitude de aprovação ou de rejeição. Acha que qualquer esclarecimento a respeito do sistema só pode ser uma ou outra. Não concebe a diversidade dos sistemas filosóficos como desenvolvimento progressivo da verdade, mas só vê na diversidade a contradição. **O botão desaparece no desabrochar da flor, e poderia dizer-se que a flor o refuta; do mesmo modo que o fruto faz a flor parecer um falso ser-aí da planta, pondo-se como sua verdade em lugar da flor: essas formas não só se distinguem, mas também se repelem como incompatíveis entre si. Porém, ao mesmo tempo, sua natureza fluida faz delas momentos da unidade orgânica, na qual, longe de se contradizerem, todos são igualmente necessários. É essa igual necessidade que constitui unicamente a vida do todo.** Mas a contradição de um sistema filosófico não costuma conceber-se desse modo; além disso, a consciência que apreende essa contradição não sabe geralmente libertá-la—ou mantê-la livre—de sua unilateralidade; nem sabe reconhecer no que aparece sob a forma de luta e

contradição contra si mesmo, momentos mutuamente necessários.⁸



Para se pensar da planta como nada além de um contraditório todo de *negações absolutas* que suplantam cada uma é desentender tanto a realidade quanto a verdade da planta. Sim, *há uma auto-oposição* no interior da planta como um todo, e como tal há uma autocontradição, porém, em termos

8 HEGEL, Georg W. F. **Fenomenologia do** Espírito. Rio de Janeiro: Vozes, 9. ed., 2014, \$2, p. 24.

concretos, isto se faz numa *masturbação mental mais banal e vazia* que qualquer um pode se engajar com. É pronunciar o óbvio através de termos mais simples e estranhos que—enquanto verdadeiros—são simplesmente supérfluos. O botão é *negado* pelo desabrochar, eis que a essência do botão—o que deveria ser—é uma contradição ao que é, etc.

Pode-se brincar com este jogo ridículo de rephrasear o que é comum e cotidiano de vários modos igualmente inúteis, como a contradição entre Ser e Devir onde se encontra que a verdade da realidade da planta é nada a não ser um Devir que meramente parece um estável, duradouro e independente Ser, pois confundimos a permanência relativa que as coisas parecem ter para nós. **A árvore não é apenas uma árvore, mas um ciclo de vida inteiro de sua espécie, portanto, é tanto um e múltiplo ao mesmo tempo.** Esta verdade, não importa o quão revolucionária for a 200 anos atrás, é comum nos dias atuais. Todos sabemos que as coisas têm ciclos de vida, que até montanhas vêm e vão, o mundo veio a ser e deixará de ser. Porque chegamos longe suficiente a pensar que o universo, em si, vai e vem segundo uma realidade subjacente não compreendida até então, mas que a física promete um dia penetrar e descobrir.

Desentendendo o desenvolvimento

Darei um exemplo disto, considerando-se um blog de um marxista desconhecido: John Laurits. O motivo de usar seu blog como exemplo é exatamente o tipo de confusão que notei há muito tempo em meu engajamento com o marxismo, ou seja, trata-se de uma (má) concepção muito comum da dialética como um momento e um método.

John Laurits elaborou um guia muito bem ilustrado do materialismo dialético. Agora, os marxistas têm sua própria noção de método dialético, muito diferente da de Hegel em geral, apesar de suas afirmações sobre serem herdeiros dele, e isto infelizmente se baseia em amplos e enormes mal-entendidos sobre o método. Laurits não é um tolo típico sem instrução—ele possui um diploma em Filosofia. É, portanto, uma prova da ignorância que existe sobre este método que um graduado, dotado de uma boa cabeça sobre seus ombros, deveriam entender de forma tão desastrosa. Laurits diz o seguinte:

O Método Dialético

O coração pulsante da teoria da história de Marx é a **dialética**. A dialética é uma forma crítica de pensar sobre sistemas ou processos, ao compreender de que maneira eles *se fazem*. Não existe uma receita exata, mas pode ser útil pensar na dialética como três partes—**tese**, **antítese** e **síntese**. Uma *tese* pode ser qualquer coisa que uma pessoa escolher. Examinando a tese de perto mostra que ela não pode ser separada de uma força oposta que a nega—esta é a *antítese*. O conflito entre forças opostas se desenvolve em contradição que deve ser resolvido pela *síntese*, um novo estado que integra o conflito em um todo mais desenvolvido. Isto é mais simples do que parece—aquí estão alguns exemplos de dialética em ação:

A lagarta (tese) não pode ser entendida sem a borboleta (antítese). Todo “tipo-lagarta”—ruminando folhas, subindo plantas, corpo segmentado, etc.—contém uma força oposta “tipo-borboleta” que nega a lagarta. O conflito entre as forças opostas desenvolve

a contradição que colapsa o sistema da lagarta em um novo estado—a crisálida (síntese).

Uma usina elétrica (tese) depende do carvão de uma mina próxima. O carvão que produz energia também a converte em uma mina vazia (antítese), o que a nega. O conflito entre as tendências opostas de planta e mina desenvolve uma contradição interna no sistema que eventualmente colapsa para um novo estado que ou utiliza uma fonte de energia diferente, ou se encerra (múltiplas possibilidades de síntese).

Além da falsa fórmula triádica que esta introdução já refutou, os exemplos são os mais reveladores do mal-entendido. No primeiro exemplo— a lagarta—o erro ocorre por ser incapaz de separar um estrito senso de contradição dialética de um senso de desenvolvimento dialético. O desenvolvimento não ocorre devido a algum outro *dado* no final, de tal forma que a natureza primeiro coloca as lagartas e depois, de alguma forma, determina que as lagartas *devem se tornar* borboletas, e que isto *deve* ocorrer através de um momento sintético da crisálida. Não somente esta é uma interpretação estranha da fórmula—ela coloca a síntese como o momento médio de desenvolvimento quando normalmente seria {lagarta + crisálida} → borboleta (sendo a síntese o último momento que une as duas primeiras *imediatas*), mas entende mal a contradição como uma mera oposição, em vez de um elo *necessário* momento a momento. A obsessão com a *contradição* se deve à falha em separar o *momento dialético* da **dialética como diálogo construtivo**. Quando se desembaraça o momento, por não ser idêntico ao método, pode-se então ver onde e quando faz sentido falar em termos de um ou de outro.

Com *conceitos empíricos*, é difícil convencer-se de que o método de Hegel é valioso com o conceito de “contradição”, já que, como dito

anteriormente, não parece fazer sentido ou acrescentar uma profundidade explicativa. Falar da lagarta como uma posição, logo da borboleta como uma posição oposta à lagarta, e chamar isso de *contradição* não parece ser nada mais do que uma estupidez engenhosa disfarçada de profundidade intelectual—sem dúvida, censuro-a como tal. Falar de *contradição dialética* (auto-contradição) aqui é falar em linguagem críptica desnecessária, que deve ser explicada para deixar claro que não se está falando insanidade, mas uma vez explicada aparece como algo que realmente nunca precisou ter sido explicado, já que nunca precisou ser dito. A lagarta se *desenvolve*, *gera* e se *torna*—é nestes termos que se pode falar de desenvolvimento dialético construtivo de maneira compreensível. Negação e *contradição* são estruturas em todos estes termos, porém são tão simples que se tornam tão irrelevantes quanto descrever uma lagarta em termos de composição e movimento atômico. Perdemos de vista o nível de ser no qual estamos interessados. Conceitos empíricos são misturas entre estruturas puras a priori, bem como elementos experimentais dados. Estes elementos experimentais são, em grande parte, estruturas puramente contingentes, sem necessidade metafísica como tal, exceto por suas estruturas fundamentais como ser natural. Enquanto as lagartas como lagartas são conceitualmente estruturadas numa forma que parece ser eterna, a realidade é que a forma genética sofre de pressões condicionais *externas* constantes que mudam lentamente sua existência. A lagarta, lentamente por longos períodos ou rapidamente em choques ambientais, sobrevive apenas para se tornar algo que originalmente não é. O que antes era uma mutação inviável torna-se o único viável e continua vivo para se tornar a expressão dominante da espécie.

Com relação ao segundo exemplo, da usina, isto *não se encaixa nem mesmo na concepção orgânica* do Hegelianismo; é um mero conceito arbitrário unido externamente por seu pensador igualmente arbitrário. É, de fato, um artifício muito bem-vestido do autor. O exemplo é um exemplo ainda pior do que a lagarta, pois ela está vestida ainda mais claramente em termos que são obviamente desnecessários. Uma usina de carvão requer carvão; a mineração de carvão esgota uma mina em extração; com sua fonte esgotada, a usina requer uma nova fonte de carvão, ela se encerra, e/ou uma nova fonte de energia é procurada. Em nenhum lugar aqui há contradição ou negação explicitamente necessária para conceber esta análise. Em *nenhum* lugar é necessária ou desejada uma dialética em qualquer sentido técnico para explicar qualquer coisa. As usinas elétricas não são seres em si ou para si—são porque queremos que sejam, e são como o que queremos que sejam, ou seja, são construções totalmente contingentes e arbitrárias, sem lógica interna.

Alguns dizem que o pensamento dialético é melhor compreendido se for observado em ação, portanto, aqui estão três exemplos de um nível muito básico. Aqui, espera-se, a atividade da dialética deve se tornar aparente nos movimentos.

Exemplo I: Devir, Ser e Nada

A dialética do Ser é realmente aparece quando recebemos um exemplo do que é dialética na internet; muitos citam esta curta e densa dialética para dar um típico exemplo de *tese-antítese-síntese*, mas isto é totalmente

divorciado da verdade. A verdadeira ordem da dialética não é **{Ser-Nada}-Devir**, mas sim a sua ordem inversa. Devir é inteligivelmente anterior ao Ser e Nada nas suas formas abstratas, e são os últimos conceitos que suprassumem o Devir enquanto unidade da Existência (Ser Determinado). Para que possamos tornar inteligível o *como* é possível que Ser e Nada possam tornar-se ambos, devemos considerar eles em seu surgimento *desde* o Devir, ao invés de considerar o Devir como surgente deles.

Suprassunção significa tanto “manter”, “preservar”, e “deixar de ser”, “dar fim”. Algo é suprassumido apenas quando entra em unidade com seu oposto. (Hegel, Ciência da Lógica.)

[Comentário]: Ora, de onde este novo conceito, suprassunção, veio? A resposta é simples: do conteúdo que estamos a desenvolver. Suprassunção é um conceito que descreve a relação na qual a estrutura do Devir tem para o Ser e o Nada; unifica, cancela, e preserva todos de uma só vez.

No Devir, podemos imediatamente discernir duas partes—Hegel os denomina *momentos*—que comportam a definição do conceito de Devir: Ser desaparece no Nada, está *Deixar-de-ser (Ser)*; o Nada desaparece no Ser, está *Vir-a-ser (Nada)*. Ambos Deixar-de/Vir-a-ser são suprassunções—são unidades imediatas do Ser e Nada por si mesmos. Eis que se auto-suprassumem, estando em unidade interna com seu oposto—quer dizer, Ser é este desaparecer do Ser para o Nada (pois de fato *Deixar-de-ser*); inclui seu oposto explicitamente e nega a si mesmo, em si, desde si. Deixar-de-ser se torna o Vir-a-ser e vice-versa; portanto temos Deixar-de-ser (Ser) e Vir-a-ser (Nada) transformando neles mesmos simultaneamente e imediatamente.

Eles *já* foram uns aos outros e, pois, paralisam a si mesmos na sua inquietação; esta paralisia é a *paralisia do Devir como um todo, sendo ambos os seus momentos de uma só vez*. O momento que se tornam o outro, eles

imediatamente são si mesmos novamente. Ser, ao tornar-se Nada, é meramente Ser de novo. No Devir, Deixar-de-ser e Vir-a-ser não acontecem um após o outro, sucessivamente, mas temos os dois juntos no mesmo momento como momentos distintos, que também são indistintos enquanto momentos do Devir em si mesmos. Cada momento do Devir é já a totalidade do Devir em si.

O Ser e o Nada estão agora diferenciados por esta simples definição de serem *momentos inversos* no Devir. Porém, temos um problema, agora esclarecido, que sua diferença se colapsou pela sua definição. Ser e Nada, definidos agora como Deixar-de-ser/Vir-a-ser como parte do Devir, demonstra outro problema: *pressupõe* outra diferença determinada entre Ser e Nada. Se o Ser e o Nada são meramente Vir/Deixar-de-ser, então vemos que de fato *não fizemos uma verdadeira separação do Ser e Nada ainda*. Ser é definido como mero desaparecer no Nada, e Nada como mero desaparecer no Ser. Perdemos Ser e Nada enquanto conceitos distintos; conteúdo e forma força o incessante desaparecimento do Deixar-de-ser/Vir-a-ser em um e outro, e apaga sua distinção um com o outro. O que é o Nada no qual o Ser desaparece, e o que é o Ser no qual o Nada desaparece? Até agora, meramente definimos um desaparecer no processo de desaparecimento em mais outro desaparecer. Contudo, isto não é suficiente, pois o desaparecimento deve desaparecer *nos* componentes que desaparecem.

[Comentário]: Como uma reflexão externa, também é uma curiosa contradição se o desaparecimento é incessante e, portanto, duradouro. Seria como uma inquietação que está a descansar em sua inquietude. Devir, ao ser o que é, seria em si o *é*. A *paralisia* do Devir é em si um sinal do que verdadeiramente o Devir é.

Através do Devir, determinamos (definimos) Ser e Nada como momentos, mas agora os momentos do próprio Devir nos direcionam ao Ser e Nada que *estão para além* do Devir, como no qual os momentos do Devir desaparecem. *Enquanto momentos do Devir, Deixar/Vir-a-ser desaparecem.* No que? Ser e Nada. Devir, por conta de seu desaparecimento, desaparece si mesmo no fundo do Ser e Nada, deixando-os em unidade imediata novamente, mas apenas porque o Devir desapareceu no fundo, não significa que não ainda têm um papel—muito ao contrário. Porém, podemos pensar, como isto nos previne de cair novamente no Devir quando Ser e Nada eram apenas Deixar-de-ser/Vir-a-ser?

Aqui um maravilhoso movimento conceitual ocorreu: Devir—o desaparecer do Ser e do Nada, estes mesmo determinados nele apenas como desaparecimentos invertidos de si mesmos—*desaparece*. Hegel nos fornece alguns meios para compreender isso.

Há uma possibilidade de erro neste movimento crucial, no entanto, e o que se segue é a razão. Deixar-de-ser/Vir-a-ser assumem o Ser e o Nada como distintos e separados a fim de desaparecerem um no outro. Entretanto, o Ser e o Nada—no Devir—não são nada além das desapareições incessantes entre si, *mas como Deixar-de-ser/Vir-a-ser desapareceram, a distinção entre Ser e Nada na qual desaparecem, vê-se agora que é o Ser e o Nada que desaparecem, e o Deixar-de-ser/Vir-a-ser desaparecem juntos.* Se o Ser e o Nada—nos quais Deixar-de-ser/Vir-a-ser dependem para ser—desapareceram em geral, têm-se como resultado do Devir um desaparecimento do desaparecer e, pois, parece apenas cancelar tudo pela contradição, retornar-nos ao Nada e nos direcionar de volta ao Devir novamente. Se há um avanço, o resultado não pode ser Nada, porém como

entendemos do desaparecimento do Devir nesta aparente contradição? Não podemos nos surpreender que a contradição de Hegel, aqui, não é intencionada a funcionar como uma contradição formal e negação abstrata. Esta, na realidade, funciona como uma multiplicação matemática negativa.

A resposta do texto é—se nos atrevemos—cômica. É uma consideração literal baseada em termos e frases chaves. Deixar-de-ser e Vir-a-ser desaparecem, e no seu desaparecer *o Devir desaparece*. É dizer: sua função é para desaparecer desaparecendo, para negar o negativo, e, portanto, *são o positivo*. Deixar-de-ser/Vir-a-ser *são Ser e Nada*, pois é Ser/Nada que desaparece Devir. Esta é a deixa *imane*nte da transição. Se quiséssemos uma compreensão reflexiva da transição, não precisaríamos nada mais do que notar a função do desaparecer—ou seja, o papel do desaparecer é desaparecer em elementos estáveis, não para perdurar; eis, Devir deve desvelar sua função e **tonar-se** Ser e Nada. Note que o *devir do Devir*—o desaparecer do desaparecimento—é um elemento de repouso estável do pensamento.

[Comentário]: Perceba que *esta auto-relação do Devir para avançar si mesmo está seguindo precisamente a lógica de Hegel: devemos esgotar **todas as relações possíveis** de pensamento através da **análise**, da **auto-operação reflexiva** e da **função implícita***. Sempre que nos deparamos com um muro conceitual, devemos esgotar todas as possibilidades de pensar um pensamento usando todas as relações possíveis e operações que o pensamento é capaz de fazer com tais pensamentos. Se isso for possível e inteligível, então devemos fazê-lo.

Os desaparecimentos se completam e depois desaparecem naquilo em que se tornaram. É a verdade do Devir **que ele se torna e desaparece em Ser e Nada**. Agora que o desaparecimento do Ser e do Nada desapareceu, eles

são uma unidade estável de conceitos distintos, mas imediatamente unidos. O Ser e o Nada *não são distinções completamente separadas*, mas mantêm a verdade do Devir: eles são separados e, portanto, iguais nesta separação, mas ambos *são*—cada um *é*; e são distintos em sua unidade. O resultado do Devir é uma unidade do Ser/Nada, e assim esta unidade *é*. Temos agora um nível mais elevado de Ser—Existência.

Finalmente temos **um Ser** cujo ente *é a unidade imediata do Ser com um não-ser (Nada)*—isto é, um Ser em virtude de seu não-ser. Este novo Ser é o desaparecimento do Devir, já que o desaparecimento desapareceu em segundo plano—isto, porém, não é um desaparecimento do Devir, longe disso. Considere com atenção o que é o Devir—a transição do Ser para o Nada—e veremos uma verdade interessante: ***as diferenças e identidades de transição de todas as coisas são Devires***. No limiar da concepção, onde este novo Ser/Nada resultante do Devir é o próprio Devir, o momento em que descobrimos que um Ser tem contato imanente com seu Nada—sua negação. Assim, a *Existência* suprassume o *Ser*, o *Nada*, e o *Devir*.

O desaparecer do movimento interno do Devir revela uma estranha e inquestionável verdade a partir dos movimentos lógicos desenvolvidos até então: Ser e Nada são um só, são inseparáveis, e são verdadeiramente diferentes. Tanto Ser quanto Nada são (ambos são o mesmo); **ambos tem Ser. Agora somos capazes de observar que o Ser é um ser com um não-ser—um Ser negado—e esta negação é nada mais que outro Ser, por si mesmo e por si só** (ambos são diferentes). **Ser é uma unidade imediata de seres que negam uns aos outros em virtude de serem dois Seres que não são o outro** (ambos são inseparáveis). Todo o desenvolvimento do Ser/Nada para os momentos do Devir *não* foram falsidades ou equívocos; pelo contrário, possibilitaram revelar as partes

deste enigma com o qual começamos, e agora nos permitiu aprofundar o sentido pelo qual estes aspectos do Ser e do Nada são verdadeiros. *O que desaparece no Devir é também um conceito incompleto do Ser e do Nada enquanto conceitos radicalmente incomensuráveis impossíveis de se definirem, e o desaparecimento resultante dá lugar ao primeiro conceito real do Ser como Existência.*

Como Hegel explica no texto, a forma básica absoluta da determinação (definição) é a negação—do Ser, que é negado. O que nega o Ser? Nada. Mas o que é o Nada? Um Ser, porém um ser que é o não-ser do Ser primário. Esta unidade do Ser e do Nada é basicamente o *Ser Determinado*, ou a *Existência* genérica. Este é o primeiro conceito com o qual podemos realmente começar a pensar sobre Ser(es) passíveis de definição, entretanto, há neste ponto *nenhuma diferença* entre a determinabilidade do Ser e o Ser em si. Determinabilidade *é*, e o Ser *é determinado*. A contradição entre forma/conteúdo força o movimento do pensamento a seguir adiante.

A forma do caminho de revelações pelo qual o Devir transversou—seu desenvolvimento dialético—é único para si mesmo. Se alguém atenta em impor a forma das relações na qual o Ser puro se desenvolve em seu caminho à Existência, este alguém estará terrivelmente errado, pois a Existência possui uma forma de desenvolvimento peculiar—uma que não é aquém a um corredor de espelhos refletindo seu conteúdo e forma como múltiplas determinações da determinabilidade em si.

Quanto ao que este desenvolvimento de conceitos abstratos se torna mais determinado, ou concreto, é necessário para... Deixo isto à sua curiosidade.

Exemplo 2: A mercadoria

Uma análise clássica Marxiana é a da dialética mercadoria--{(valor de uso)-(valor de troca)}. Uma mercadorias, já como um conceito empiricamente *dado e determinado*, contém em si uma tensa contradição entre dois conceitos de valor na esfera econômica: valor de uso, pelo que desejamos da mercadoria em uso, e valor de troca, pelo que podemos trocar ou intercambiar. Como sabemos que as mercadorias contém estes dois conceitos? Porque são pressupostos necessários para que as mercadorias cumpram o papel econômico real que desempenham—a saber, *o significado de uma mercadoria é ser um valor de uso com valor de troca*. Uma mercadoria é algo para o qual alguém tem um uso ou necessidade, mas que não tem nenhum uso para seu detentor a não ser para trocar pelo que ele precisa. Observe também que uma mercadoria *implica necessariamente uma pluralidade de mercadorias*, pois para ser trocada, ela requer outra mercadoria para se relacionar com ela. Implicado no *valor de uso*, devido ao valor de troca, está a *pluralidade de mercadorias qualitativas*, pois não se troca uma qualidade pela mesma qualidade ou quantidade.

Estes dois valores não podem ser obtidos ao mesmo tempo. Se quisermos o valor de uso, devemos abrir mão do valor de troca, e vice-versa. O aspecto consumidor do mercado quer o valor de uso, e o lado vendedor quer o valor de troca. Não apenas as mercadorias pressupõem sua própria relação interna de valor, mas pressupõem a estrutura social da propriedade privada e a instituição do direito, bem como um sistema de dependência social no qual as pessoas necessitam das mercadorias de outros enquanto outras necessitam das mercadorias que possuem. Assim, eles são levados ao acordo de troca para satisfazer suas necessidades. Muito é pressuposto no

mero conceito de mercadoria, e muito decorre de seu próprio desenvolvimento específico como a categoria de valor econômico.

Desenvolvamos ainda mais este conceito de mercadoria. As mercadorias são valores de uso que podem ser trocados por outros valores de uso. Na relação de diferentes qualidades e quantidades, no entanto, *como* esta troca é inteligível? Se as substâncias e quantidades diretas na troca não são, em si mesmas, diretamente comparáveis, um terceiro termo deve estar em operação na relação que é igual; este terceiro termo é o conceito de *valor*. Entretanto, se recordarmos a pluralidade de valores de uso de qualidade disponíveis para troca, perceberemos que ainda não esgotamos as relações pensadas! Podemos relacionar uma mercadoria a muitas e ver um mesmo valor manifestar-se em diferentes qualidades e quantidades de uma só vez na *forma relativa de valor* (1 casaco = 20 linho; 10 cenouras; 1 libra de ferro, etc.). Dessa forma relativa, não só vemos um valor capaz de se manifestar em múltiplas qualidades e quantidades, mas também percebemos que uma das formas pode ser usada para representar o valor de todas as outras em sua própria qualidade e quantidade. Por onde terminamos? Com a aparência da forma de mercadoria universal que encarna diretamente o valor em si—um valor de uso do próprio valor de troca, para que todos os outros possam ser medidos como *dinheiro*.

O desenvolvimento prossegue a partir daí.

Exemplo 3: Liberdade de expressão

Um exemplo de uma simples porém concreta análise somente da *análise dialética negativa do entendimento* é um blog por nós publicados sobre

o conceito de liberdade de expressão. Um simples sumário da análise é que a liberdade de expressão é contraditória tanto em sua ideia quanto sua realidade. A liberdade de expressão, como um direito, após análise, nos leva a perguntar que tipo de discurso realmente atua em sua condição de proteção, chegando à conclusão de que somente o discurso dissidente daqueles em minorias ou fora do *status quo* é que realmente se enquadra na necessidade de tal proteção de expressão. Na medida em que se fala coisas na gama aceitável do discurso popular ou do poder, não há necessidade de proteção. A análise avança e questiona por que a fala—meras palavras—deveria dar lugar à censura.

Descobre-se que a fala não é mera palavra—não apenas ar quente—mas é também atividade com propósito prático de transmitir mensagens, criar respostas e ações. Este aspecto da fala relacionado à ação é o que a censura pretende deter. Se a fala fosse mera palavra, ninguém jamais deveria temer a fala, mas a fala tem capacidade real de ser uma força que impele pessoas à ação, e ação na esfera social significa combate real para mudar o poder dominante e as próprias estruturas de poder. A liberdade de expressão, como é conhecida no Ocidente, apenas protege a fala dissidente como meras palavras, mas não protege nem pode proteger a fala dissidente que visa promover a ação para mudar fundamentalmente o *status quo*.

Afinal, a liberdade de expressão não se preocupa com a fala enquanto meio de atividade social, pois estas são apenas meras palavras proferidas ao vento. Esta é a contradição: somos livres para dizer o que queremos na medida em que isso não conduza a resultados indesejáveis para o *status quo*. A liberdade de expressão, quando se afirma existir, só existe como discurso *vazio*—mera palavra ao vento sem poder—para aqueles que mais precisam; não há capacidade de fazer movimento neste caso, podendo, no entanto,

acontecer. Por exemplo, ser socialista durante a maior parte do século passado foi motivo de censura e até de prisão nos Estados Unidos—porque havia um perigo real de que a fala socialista fosse uma força e provocasse uma revolução se ignorada. Não há nada mais perigoso do que ideias de dissidência em uma época em que mentes críticas fornecem solo fértil para empurrar contradições até os pontos de ruptura de ação. A liberdade de expressão, como tal, não é um direito absoluto e existe dentro das limitações do contexto social e legal.

Os limites da liberdade de expressão podem fazê-la parecer fraca, e suas contradições podem fazê-la parecer uma prática e um conceito inútil em geral, porém é a sua realidade. Há mais a ser dito sobre isso, mas isso será suficiente aqui.

Como se pode ver, os momentos de abstração-negação-concreção mais ou menos se manifestam, porém, esta formulação é em si uma abstração morta que nada pode nos dizer sobre como realizar uma investigação dialética e a compreensão de qualquer assunto. A dialética é determinada de forma única por seu conteúdo, e seu conteúdo por sua forma. Nenhuma ideia semiacabada, como a unidade abstrata de opostos, como a eterna unidade de Yin e Yang, bem e mal, luz e escuridão, ser e nada, etc., pode se passar por uma compreensão dialética dos termos unitários. Somente o poder penetrante da razão, centrado na pureza conceitual e mantendo-se firme no desenvolvimento de um conceito a partir de sua estrutura interna, pode tornar inteligível a razão pela qual tais termos são inextricavelmente unidos e o que poderia logicamente decorrer de sua unidade contraditória.

Poderíamos facilmente indicar o método da Hegel como formulações *corretas* de seus movimentos gerais e estruturas de resultados. {Abstrato-negativo}-concreto está *correto*. Podemos facilmente descrever o movimento também como um movimento de {suposição-entendimento}-especulação, e podemos descrevê-lo como {*pensamento-pensante*}-*pensando o pensamento pensante*. Não importa quão correta seja nossa descrição, porém, ela é quase inútil para a intenção de ler Hegel. Digo *quase* porque percebo que há um valor em pelo menos fornecer a formulação como um trampolim para, então, mergulhar diretamente no pensamento real.

Como o Devir demonstra, é um mito que o Devir é a suprassunção resultante do Ser e do Nada; é o verdadeiro primeiro passo como uma suprassunção que transita para o Ser e o Nada em unidade que depois suprassume o Devir como uma unidade. O caminho do Ser e do Nada através do Devir de volta ao Ser e ao Nada é um percurso conceitual que requer foco e paciência *para refletir*, a fim de compreender como estas categorias ontológicas se relacionam entre si e o que elas significam em si mesmas.

A fim de ter uma visão mais ampla do Hegelianismo, sugiro a leitura dos artigos de [James Kreines](#)—disponíveis 'on-line'—e também a consulta das várias palestras de [Richard Dien Winfield](#) sobre as obras de Hegel. [Andy Blunden](#), um marxista, fornece alguns excelentes ensaios sobre o uso da lógica e da dialética para fins 'materialistas'. *O Desenvolvimento Filosófico de Hegel*, de [Richard Kroner](#), é um grande ensaio geral sobre a gênese, objetivos e estrutura do Hegelianismo.